



# COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

---

## Alberto de Lacerda e o Brasil

Luís Amorim de Sousa

Para citar este documento / To cite this document:

Luís Amorim de Sousa, "Alberto de Lacerda e o Brasil", *Colóquio/Letras*, n.º 180, Maio 2012, p. 103-115.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

# Alberto de Lacerda e o Brasil

LUÍS AMORIM DE SOUSA

ALBERTO ADOROU O BRASIL. Desde sempre e até ao fim. O Brasil dos poetas e dos músicos, das cidades excepcionais que visitou, dos amigos extraordinários que lá fez.

A sua admiração pelos poetas brasileiros manifestou-se cedo, e, em certos casos, antecipou-se até à descoberta dos poetas, portugueses e não só, que mais amou. É Alberto quem o diz numa crónica publicada no *Jornal do Brasil* em Fevereiro de 1958: «alguns dos meus poetas favoritos foram poetas brasileiros, desde que comecei a aprender a amar versos. Li Manuel Bandeira, Drummond, Cecília, antes de Camilo Pessanha, Fernando Pessoa, Rilke, Hölderlin. Essa descoberta marcou-me para sempre, no mais rico e misterioso sentido. Se os não tivesse lido e amado — a minha visão da vida seria muito mais imperfeita do que é.»

Alberto veio a conhecer mais tarde esses poetas brasileiros e do relacionamento que com eles estabeleceu desenvolveu-se também uma teia de amizades e colaborações especiais.

Quando, em Julho de 1951, a direcção de *Cadernos de Poesia* dedicou um fascículo inteiro à sua poesia, Alberto de Lacerda fez questão de o enviar aos seus poetas brasileiros. As reacções que obteve encheram-no de alegria. Cecília Meireles, a quem Alberto se referia sempre como «a divina Cecília», respondeu-lhe desta forma:

Alberto de Lacerda:

não me é preciso viver sempre, nem brilhar: basta-me ouvir os poetas cantarem, e aplaudi-los e agradecer-lhes, como agora estou fazendo, — agora que acabei de ler seus versos, comovida.

É este o início da amizade entre os dois poetas. As palavras de Cecília alcançaram-no em Lisboa, um pouco antes de Alberto ter partido para Londres, onde acabou por fixar residência para sempre. O seu espólio literá-

rio, do qual, dramaticamente, se perdeu uma parte considerável em meados de 1965, não permite actualmente estabelecer as circunstâncias do primeiro encontro entre ambos. Aquilo que se pode deprender é que, independentemente de se terem ou não conhecido pessoalmente antes da chegada de Alberto ao Rio de Janeiro, já havia de parte a parte uma afectuosa troca de notícias e de poemas. Uma carta de Cecília enviada de Nova Deli a 27 de Janeiro de 1953 confirma-o claramente:

Caro Alberto: não se espante com esta carta de tão longe. Vim a um Congresso, e agora vou visitar um pouco a Índia, inclusive Goa, onde serei hóspede do Govêrno. Depois, passarei pela Europa, antes de voltar para o Brasil.

Fiquei muito admirada de ver, pela sua carta, que não tinha recebido o que lhe mandei. Agora saiu o meu *Romanceiro da Inconfidência* — mas se o Correio não lhe entregou as outras coisas, que eram tão fininhas (a conferência sôbre Lisboa e os poemas da Holanda), como posso acreditar que agora lhe entregue êste volume tão grosso?

Gostaria de encontrá-lo; mas não sei se irei a Londres; depois de dois mêses de hotéis e malas, começa-se a desejar o *sweet home* para tornar a sonhar novas partidas e novos retornos. O homem é um animal de ansiedade e sofrimento — embora eu, na verdade, não procure nada disto, e apenas aceite o que a vida me vai dando.

Escreva-me para Lisboa ao cuidado do Diogo (Diogo de Macedo, Av. A. A. de Aguiar 110) com quem me encontrarei logo ao chegar. Espero que tudo sejam boas notícias sôbre a sua vida e a sua carreira.

Pelo menos, êsses são os meus votos, muito verdadeiros.

Lembranças e saudades.

Cecília Meireles.

De Cecília guardava Alberto dois tesouros: um lindíssimo retrato por Arpad Szenes (outro amigo venerado) e o começo manuscrito do livro *Metal Rosicler*, que Cecília copiou e lhe ofereceu no Rio, no próprio ano da publicação do livro. Tesouros para uma vida.

É, todavia, uma questão de justiça esclarecer que, entre os poetas brasileiros que conheceu pessoalmente, Manuel Bandeira era sem dúvida alguma aquele de quem Alberto mais falava, aquele que mais estimava, aquele que mais citava, aquele por quem sentia maior admiração. Mas não apenas literária. Bandeira era para ele um protector, um amigo especialíssimo «a quem fiquei a dever grandes favores e alegrias». Quando, em 1957, Manuel Bandeira veio de visita a Londres, já a amizade entre os dois poetas, que nunca se tinham visto, estava bem estabelecida. Esta carta de Bandeira foi enviada a 22 de Novembro de 1952:

Caro amigo Alberto de Lacerda,

Com vivo prazer li a sua carta de 12 de outubro. Como gostaria de estar em Londres com você e o Casais Monteiro! Olhe, veja se tiram aí uma fotografia dos dois juntos e mandem-na ao velho poeta que tanto os estima.

Muito obrigado pelo Capetanakis\*, que só conhecia por uma citação do Spender. Por falar nisso, êste último é esperado aqui e fará duas conferências, uma na Sociedade de Cultura Inglesa, onde serei o apresentador, outra no Ministério da Educação.

As cartas que o Mário de Andrade me escreveu sairão em volume; já as entreguei ao editor.

Receba com o Casais um grande abraço do amigo

Manuel Bandeira

\* Vou lê-lo agora nas férias.

Uma vez chegado a Londres, que visitou na companhia de Maria de Lourdes Heitor de Souza, Manuel Bandeira entregou-se aos cuidados e desvelos de Alberto de Lacerda. Alberto proporcionou-lhes uma estada cheia de revelações e surpresas. Entre essas, segundo ele, «a alegria e o privilégio» de o levar a conhecer *Dame* Edith Sitwell. «Um encontro histórico entre dois grandes modernistas do Brasil e da Inglaterra.» Esse encontro foi mais tarde relatado por Manuel Bandeira numa crónica que começa nestes termos: «Um dos primeiros regalos intelectuais com que me acenou em Londres Alberto de Lacerda foi uma visita à grande poetisa Edith Sitwell. Confesso que a ideia não me sorriu a princípio.»<sup>1</sup> Bandeira queixava-se da atitude de dois poetas ingleses que tinha conhecido anteriormente e que «somados e multiplicados por dois não dão um Carlos Drummond de Andrade». Mas a visita decorreu estupendamente e Manuel Bandeira despediu-se levando de presente um apreciado volume autografado das poesias completas de Edith Sitwell. Alberto foi incansável em lhe mostrar o melhor da sua cidade bem-amada, e o seu perfil de andarilho foi imortalizado por Manuel Bandeira no poema que intitulou «Elegia de Londres». Em determinada altura da visita Bandeira sentiu-se mal e adoeceu com certa gravidade. Alberto desencantou um médico brasileiro que o curou e isso é também descrito por Bandeira numa das crónicas que, de volta ao Brasil, lhe dedicou: «com abundância de coração, porque na verdade, quando me senti doente e além de doente, amedrontado diante da monumentalidade de Londres foi Lacerda a minha salvação». E mais adiante, elogiando o poeta, escreve ainda: «O homem que sustenta esse poeta é um companheiro desvanecedoramente fraternal.»

Desvanecedoramente fraternal foi também a forma como Manuel Bandeira retribuiu as atenções que recebeu em Londres.

Rio, 23.12.57,

Dear Alberto,

Algumas linhas, a tôda a pressa, só para lhe mandar o abraço de Natal e Ano Bom + esta boa notícia: a partir de 1.º de fevereiro você será colaborador do *Jornal do Brasil*, na base de 1.000 cruzeiros por artigo, um por semana. Vá, pois, preparando a colaboração. Pode chamar «Cartas de Londres» ou qualquer coisa assim. [...] Mando-lhe alguns poemas que você não conhece.

Estou *up to the ears* com trabalho, correspondência e deveres sociais. O editor espanhol Aguilar vai trabalhar aqui e lançar uma grande coleção de obras completas num só volume. Assinei contrato com êle.

Mando-lhe alguns poemas meus que v. não conhece.

[...] Quando vir Dame Edith dê-lhe uma palavra amável de minha parte — palavra de admiração e simpatia.

Muito seu

Manuel

Para Alberto de Lacerda, cuja sobrevivência econômica era penosa, a colaboração semanal no *Jornal do Brasil*, além de prestigiante, constituía também uma ajuda material. Mas Manuel Bandeira fez mais. Começou a urdir um plano que proporcionasse a Alberto uma viagem ao Brasil para realizar um ciclo de conferências e de leituras de poemas. Os arranjos financeiros para custear a viagem não foram fáceis de concretizar. A correspondência vinda do Brasil fala nisso várias vezes. E, por fim, a solução que Manuel Bandeira inventou e lhe comunica em 17 de Julho de 1959:

Dear Alberto,

Grande alvoroço provocou a sua carta de 7, recebida ontem. Espero que a probabilidade de sua viagem ao Brasil já esteja a esta hora convertida em certeza. Faltou à sua notícia uma informação capital — a data e a duração de sua estada aqui. Capital, porque se for em agosto-setembro, o problema financeiro será brilhantemente resolvido. Fui convidado ontem pela sucursal do Reader's Digest a traduzir um romance condensado (152 páginas «arejadas»); pagam-me 22 mil cruzeiros pela tradução, que deve ser entregue impreterivelmente em 1.º de outubro. Passo a você a incumbência (não poderia aceitá-la, tenho outras tarefas), sòmente a tradução tem que aparecer com o meu nome e não o seu (mais uma vez a gralha vai enfeitar-se com as penas do pavão, mas não há outro jeito). Êsse dinheiro dará para você comer e circular. Morada grátis você tem duas — em casa de Lourdes (beira-mar, Copacabana, banhos de mar, cura de sol) e a minha (salvo noite ou dia em que eu receba alguma amiguinha). A comida em casa de Lourdes é aleatória: ela almoça fora; quando há cozinheira, janta em casa, quando não é ao Deus dará. A colaboração para o *Jornal do Brasil* (se a estada fôr de um mês) dará os 4 mil cruzeiros com que você quer sair daqui.

Com grande alegria fico à espera de sua resposta.

Abraços da Lourdes e do

Manuel

O generoso plano resultou. Mas não sem contrariedades para Alberto que, a 26 de Setembro de 1959, escrevia no seu diário: «Estou furioso comigo. A tradução para o Reader's Digest vai a passo de mosca. Não há nada pior pago que a tradução de um livro; não há nada mais trabalhoso. Não aceito mais nenhuma.» É de supor que a data de 1 de Outubro inicialmente indicada por Bandeira para a entrega da tradução deva ter sido alargada. Pouco depois, Alberto embarcou no *Andes*. A 28 de Outubro chegava ao Rio de Janeiro. São dele as seguintes notas de chegada:

Entrámos na Baía de Guanabara às 6 da manhã; nascia o sol. Apoteose lenta, deslumbrantíssima. No cais esperavam-me Maria de Lourdes Heitor de Souza e Rodrigo M[elo] F[ranco] de Andrade. À noite em casa de Lourdes (onde estou hospedado) jantei com Manuel Bandeira. O mesmo amigo incomparável a mesma alma raríssima. Depois do jantar Lourdes levou-nos de automóvel ao apartamento dele na Avenida Beira-Mar. Uma delícia abarrotada de livros. O gesso que lhe inspirou um dos melhores poemas (em que diz que as coisas mais belas são as que sofreram mais). As fotografias. Os quadros. As mil recordações.

O registo seguinte que aparece no diário, tem a data de 6 de Novembro de 1959:

No dia três, na inauguração da exposição de Segalá, conheci Carlos Drummond de Andrade, apresentado por Manuel Bandeira. Cara grande, expressão retraída mas não hostil, lábios ausentes, olhos de gato sereno; voz moça, um pouco belfo. Aspecto muito mais jovem do que eu esperava. Tímido mas com à-vontade, simples. Foi acolhedor, simpático. Perguntei-lhe em que dias saía a crónica no *Correio da Manhã*; respondeu, corando, que o melhor era eu não saber. [...] Carlos Drummond, para abafar as minhas palavras emocionadas ao ver poeta tão querido, disse que Rodrigo M. F. de Andrade lhe falara muito em mim. Gostei muito de ver Carlos Drummond e espero tornar a vê-lo mais de uma vez.

Alberto de Lacerda tornou efectivamente a vê-lo e, de uma dessas vezes em que o viu, recebeu de presente um exemplar de um livro que há muito já possuía: a primeira edição de *A Rosa do Povo*, datada de 1945, oferecida por Drummond, com a seguinte dedicatória:

*Desabrocha de novo  
e transporta contigo  
— velha Rosa do Povo —  
o meu abraço amigo  
ao Poeta que me ensina  
de forma silenciosa:  
«A flor que se imagina  
É mais do que uma rosa.»*

*A Alberto de Lacerda,  
Carlos Drummond de Andrade  
Rio, I – 1960*

O Rio de Janeiro foi pródigo em surpresas, encontros, recordações. Entre outras, Alberto acarinhava especialmente um mapa da cidade de Brasília autografado e oferecido por Oscar Niemeyer que, num gesto de inusitada simpatia, levou Alberto a visitar a cidade, antes ainda da sua inauguração. A dedicatória diz: «Para Alberto de Lacerda, um abraço do Oscar Niemeyer / B. 9/1/1960». A nova capital foi oficialmente inaugurada a 21 de Abril de 1960.

Outra recordação que Alberto trouxe do Rio foi um poema de Candido Portinari, escrito em papel timbrado, que passo a transcrever do original:

*Para o amigo  
Alberto de Lacerda  
com a admiração de  
Portinari*

Dá-me tua mão caminharemos sem rota  
Certa, te mostrarei o rio negro e a Lagoa  
Fundada. Iremos à fazenda dos olhos d'água  
Ali nosso alimento será milho verde e pamonha  
Atravessaremos a mata virgem e colheremos  
Genipapo. Prosseguindo pelo capim gordura  
Até o rio pardo, maleitoso, passaremos  
Pela serra da canastra. As flores estarão  
Na encruzilhada da estrada  
Olhando o céu enfeitado de branco  
Madrepérola. Ainda de mãos dadas  
Sobrevoaremos o mar. Chegaremos a  
Paris antes do sol nascer...

*Rio, 17-I-1960*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

# A Rosa do Povo

POESIA



LIVRARIA José Olympio EDITORA



CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

# A Rosa do Povo

Capa de Santa Rosa

Desabrocha de novo  
e transporta contigo  
- velha Rosa do Povo -  
o meu abraço amigo  
ao Poeta que me ensina  
de forma silenciosa:

"A flor que se imagina  
é mais do que uma rosa."

A Alberto de Lacerda.

1945

Carlos Drummond de Andrade

Livraria JOSÉ OLYMPIO EDITORA

RUA DO OUVIDOR, 119 - RIO — RUA DOS GUSMÕES, 104 - S. PAULO

Rio, I-1960

A 31 de Janeiro de 1960, Alberto chegava a Lisboa vindo num avião da SAS do Recife e nesse mesmo dia seguia para Londres. Pouco depois, e algo surpreendentemente, anotava no seu diário: «Vida extremamente inútil, angustiada, vazia. Inadaptação a Londres, ao frio deplorável de Fevereiro depois do calor divino do Brasil [*sic*]».

Alberto de Lacerda não voltou nunca ao Brasil. Falava constantemente nos amigos que lá tinha e, entre esses, sempre com especialíssimo carinho, de Rodrigo de Melo Franco e família, falava da sedução das cidades, de momentos lá vividos, da luz, do mar do Brasil.

Os seus contactos com outros poetas brasileiros desenvolveram-se a partir da Europa e dos Estados Unidos.

Tive pessoalmente o prazer de o ajudar a acolher Murilo Mendes numa passagem deste por Londres. Conheciam-se de há muito e era evidente que havia de parte a parte enorme estima e admiração. Havia mais. Havia entre eles mil cumplicidades e amizades partilhadas: Vieira da Silva e Arpad, Sophia de Mello Breyner, Jorge Guillén e, é evidente, Bandeira, que inesquecivelmente saudara em Murilo «o grande poeta / Perenemente em pânico / E em flor». Versos que Alberto citava frequentemente. A carta que Murilo enviou a Alberto, a combinar um encontro nessa passagem por Londres, dá testemunho de algumas dessas cumplicidades. A carta foi escrita em Lisboa a 20 de Setembro de 1970 — por coincidência o dia de anos de Alberto de Lacerda. Murilo refere-se a duas datas de partida já adiadas e tenta combinar o encontro em Londres. Diz:

[...] Não sabendo ainda para que hotel iremos torna-se difícil marcar um encontro. O melhor é mandar=lhe um telegrama ao cuidado do seu amigo Jasmim [de Matos]. Ou então nos encontramos, p. ex. sábado 26, aí pelo meio=dia, na grande sala dos flamengos, onde está (ou pelo menos, estava da última vez em que fomos a Londres) *O Casamento de João Arnolfini* de Van Eyck, ou então na sala italiana de obras=primas onde estão, ou estavam os 2 quadros de Piero.

A paixão pela pintura era um elo especial entre Murilo e Alberto. E como testemunho da amizade que os unia a ambos ao casal Vieira da Silva e Arpad, foi Alberto presenteado por eles com dois retratos de Murilo Mendes: um desenho de Arpad, e uma pintura (inacabada) de Vieira. Uma homenagem dos dois ao espírito de amizade que os envolvia a todos, e também à paixão pelas artes plásticas e pela poesia que inspirou a vida inteira de Alberto de Lacerda.

Por ocasião da chegada da carta acima citada, Alberto planeava uma revista internacional de poesia. Ao fim de mil avanços e recuos, porfiando sempre, a revista finalmente apareceu. Chamava-se *Maió*, continha colabora-

ções em quatro línguas e dela apenas saiu um número. Jorge Guillén escreveu as letras da capa e aparece como o primeiro poeta da lista de colaboradores. Murilo Mendes é o poeta que se segue. Octavio Paz é o terceiro da lista.

Murilo estava em atraso com a colaboração pedida. Alberto terá insistido que sem poemas de Murilo não haveria revista, e recomendava com a mesma insistência que os poemas tinham de ser originais. Escrevendo de Roma a 11 de Novembro de 1973, Murilo Mendes redime-se.

Querido Alberto,

Peço=lhe mil desculpas. Seria necessário escrever 10 páginas para lhe explicar os motivos do atraso.

Junto vão 2 poemas em prosa, inéditos, do meu livro inédito *Retratos-Relâmpago* 2.<sup>a</sup> série. Como os correios italianos andam péssimos, rogo=lhe o favor de acusar em 2 linhas o recebimento.

Com inalterado afeto, receba o meu melhor abraço, também de Saudade (que, segundo diz, não escreveu mais poemas. Chi lo sa!...)

Seu, sempre,

Murilo

Os dois poemas enviados e que Alberto muito se orgulhava de ter publicado em *Maio* são «Fedra» e «Pia de' Tolomei». A versão fotocopiada que Murilo lhe enviou contém breves correcções pelo punho do seu autor, que, naturalmente, não aparecem na versão impressa.

Outro poeta brasileiro incluído em *Maio* foi Augusto de Campos. Alberto de Lacerda conheceu os irmãos Augusto e Haroldo de Campos na Universidade do Texas, em Austin, para onde foi leccionar em 1967. Um dos cursos a seu cargo seria de Literatura Brasileira. Na fase de contratação, a Universidade pediu recomendações. Uma das mais importantes foi pedida a outro grande poeta brasileiro: João Cabral de Melo Neto. Essa recomendação, escrita num inglês não tão fluente como o do candidato Alberto de Lacerda, foi no entanto expressiva.

For me it is a pleasure to recommend such a writer as Mr. Lacerda, one of the best Portuguese poets of this day. I am sure that the long years Mr. Lacerda has been living in England are another element on behalf of this very good choice.

As a Brazilian writer I should like also to declare that Mr. Lacerda is quite at home about everything concerning Brazilian culture and ways of language, what, for a lecturer in your Department, is not a little recommendation.

Yours sincerelly,

João Cabral de Melo Neto.

O poeta brasileiro não falava em vão. E a admiração sentida de parte a parte teve manifestações concretas. Pouco depois do aparecimento de *Palácio*, que Alberto de Lacerda publicou na editora Delfos (Lisboa), em 1961, e que João Cabral de Melo Neto disse «ter lido e relido», este escreveu a Alberto a dar conta dos seus esforços para lhe colocar a poesia num editor brasileiro. A carta, na qual se lamenta das muitas dificuldades que encontrou no meio editorial do Brasil, termina com «um abraço do seu confrade / João Cabral de Melo».

Sei que era intenção de Alberto incluir João Cabral no número 2 de *Maió*. Mas, embora programado, o segundo número da revista não chegou sequer à tipografia. Projectos que se goraram, mas ambos reveladores de que havia entre os dois poetas genuína admiração.

Admiração duradoura. O último livro que Alberto de Lacerda publicou, *Horizonte* (2001), contém um poema intitulado «João Cabral». O poema, datado de 1999, traz em epígrafe dois famosíssimos versos de outro poeta que Alberto muito admirava: Marianne Moore. Tratando-se de um poema breve não deixo de o transcrever:

JOÃO CABRAL

*I, too, dislike it.*

MARIANNE MOORE

Poesia *al dente*  
Poesia de frente  
Desconfiada  
E descontente  
Poesia mecano  
Sem ser da infância

Embora alheia  
A qualquer noção  
De eternidade  
Poesia feita  
Para lavar e durar.

Londres

25-27 de Fevereiro 99

Austin foi um dos períodos mais férteis e mais felizes da vida de Alberto de Lacerda. Augusto e Haroldo de Campos fazem parte desse período. A carta que Augusto de Campos lhe escreveu de São Paulo, com data de 13 de Junho de 1968, comunica bem o espírito de camaradagem que mantiveram em Austin:

Caro Lacerda,

Estou há milanos para te escrever e agradecer, ainda uma vez, tudo o que você fez por nós aí em Austin. Mas São Paulo é aquela atrocidaducapacausti-etccidade my lovely homicide home e você pode me imaginar, redigindo jurídicos parece-res para ganhar o pão, etc., ordenando e reordenando livros, discos, cartas, etc., na confusão pós-viagem. Mas pensamos muito em você, todoêsse tempo, eu-e-Lygia, com muitas saudades. Meu livro sôbre música popular ainda não saiu: já corrigi, assim que cheguei, as 1.<sup>as</sup> provas: só será lançado em agôsto. O encontro com João Gilberto em New Jersey foi espetacular. Depois de muito falar sôbre Caetano Veloso, ele me disse: «O que é que eu vou dizer pra Caetano? Diga que eu vou ficar olhando pra êle.» Por incrível que pareça essa era (é) a capa que fizemos, Décio [Pignatari] e eu, para o livro<sup>2</sup>, pouco antes de eu partir para os States: uma montagem de fotos: João olhando para Caetano. Fiquei comovido e feliz. Tivemos neve e [Jorge de] Sena em Madison. Em Bloomington uma generosa e calorosa recepção de Mary Ellen Solt, que organiza, para a *Hispanic Arts Magazine*, uma grande antologia de poesia concreta. Pagamos os tubos no soturno Sheraton de Chicago só para ajoelhar diante da *Grande Jatte* de Seurat, no Art Institute. E New York é New York mesmo. Irei te mandando, infelizmente por *surface mail*, as nossas coisas: «invenções» e outras bossas. Por ora, um grande abraço meu e de Lygia.

Augusto

PS — Terrível a morte de Kennedy, outra vez. Haverá esperança para êsse incrível país de supermen e supermurderers?

O mesmo espírito transparece das cartas enviadas por Haroldo de Campos. Em papel timbrado da Universidade do Texas em Austin, com data de 23 de Janeiro de 1971, a extensa carta da qual passo a transcrever alguns excertos, foi enviada para uma das moradas emblemáticas de Alberto: 52, Tite Street, em Chelsea, o seu bairro preferido em Londres.

Meu caro Alberto:

Aqui estou *herald in the campus*, levando esta pacata vida universitária texana, até maio próximo. Sua ausência em Austin faz imensa falta: a imagem desta cidade ficou-me ligada (e ao Augusto) à sofisticada *forma mentis* e à figura humana tão cativante do nosso amigo português! Espero que V. retorne em breve aos horizontes texanos. São os meus votos mais sinceros! Estive lá com o Christopher [Middleton] e com o [Ricardo] Gullón, e estou sempre com o nosso Norman Potter, que quer muito bem a você! Também um jovem estudante, Benny [Norwood], tem-me falado muito de você. E a nossa Mrs. Svatava Pirkova Jakobson, que também está torcendo pelo seu retôrno.

Quanto ao assunto Joyce<sup>3</sup>: obrigadíssimo pela intervenção tão eficaz, que creio muito nos ajudará. No entretempo, a Editôra Perspectiva recebeu resposta de carta que mandara há meses à Sociedade Britânica de Autores (Miss Munro-Kers) e parece que entabulou tratativas no sentido da publicação. Não sei se houve tempo para sua intervenção operar mas sempre V. deixou-nos de testada limpa perante Miss Munro-Kers, o que é muito importante no caso. Vou pô-lo a par do andamento do assunto e tomarei a liberdade de recorrer ao amigo assim que precisar, levando na devida conta suas sugestões que transmitirei à Editôra. Diz Fernando Pessoa que todas as cartas de amor são ridículas. As de amizade, que incluem afeição, *empatia espiritual*, também o serão sem dúvida. [...] Minha correspondência com os queridos amigos [Roman] Jakobson e [Octavio] Paz, nesses últimos tempos, foi relativamente freqüente pelo fato de eu ser o *editor* de livros de ambos, que estavam por sair (o do Jakobson já saiu e a Editôra vai remeter-lhe logo uma cópia; o do Paz está quase pronto) e, pois, ter uma série de minúcias a tratar extensamente com ambos, sem prejuízo da amizade que a êles dedico e que, por seu turno, jamais prejudicaria a estima e o afeto que tenho por outros amigos caros, entre os quais, evidentemente, está o Alberto de Lacerda, claro! [...].

Um abraço saudoso e grato do seu amigo

Haroldo

*Mai* foi, efectivamente, uma resposta de Alberto de Lacerda às amizades construídas ao longo de muitos anos, em várias línguas e várias latitudes. O convite a Augusto de Campos para colaborar na revista foi bem correspondido. A 27 de Março de 1972, Augusto escrevia a Alberto enviando-lhe colaboração.

\*

Não ficaram por aqui os contactos e amizades que Alberto de Lacerda estabeleceu com os poetas do Brasil. Reuni textos exemplificativos daquilo que comecei por dizer: Alberto adorou o Brasil desde sempre e até ao fim. Estes relacionamentos o confirmam. Tudo o que a este respeito não foi dito é tema a revisitar detidamente.

#### NOTAS

O autor segue a antiga ortografia. Manteve-se a grafia original dos documentos citados.

<sup>1</sup> Manuel Bandeira, «Edith Sitwell», *Poesia e Prosa*, vol. II — *Flauta de Papel*, Rio de Janeiro, Editora Aguilar, 1958, p. 577.

<sup>2</sup> O livro em causa era *Balanço da Bossa*.

<sup>3</sup> O livro a que Haroldo de Campos se refere, com agradecimentos a Alberto, é *Panorama do Finnegan's Wake*, publicado em co-autoria com Augusto de Campos (São Paulo, Perspectiva, 1971).